

das práticas antigas dos Druídas, “para que os espíritos silvestres possam congregar-se nas sempre-vivas, e permanecer ao abrigo da geada até que haja menos frio”. Nos países católicos, grandes multidões convergem para as igrejas durante a noite da “véspera de Natal”, para saudar imagens de cera da divina Criança, e de sua mãe Virgem, em sua vestimenta de “Mãe Celestial”.

Para uma mente analítica, esta exuberância de rico ouro e de rendas, de cetim e veludo enfeitados com pérolas, e o berço coberto de jóias, parecem de fato paradoxais. Quando pensamos na manjedoura pobre, velha e suja da estalagem judaica na qual, se devemos acreditar no Evangelho, o futuro “salvador” foi colocado ao nascer por falta de um abrigo melhor, não podemos deixar de suspeitar que, diante do olhar deslumbrado do devoto ingênuo, o estábulo de Belém desaparece completamente. Para dizê-lo de modo mais suave, esta pomposa exibição não combina muito bem com os sentimentos democráticos e com o desprezo verdadeiramente divino por riquezas materiais, que o “Filho do Homem” sentia - ele que não tinha “onde descansar sua cabeça”.

Isso só torna mais difícil para o cristão comum compreender a afirmação explícita de que “é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um homem rico entrar no reino dos céus” -; a menos que a frase seja vista como uma ameaça puramente retórica e sem valor real. A Igreja romana agiu com inteligência ao proibir severamente os membros das suas paróquias de ler ou interpretar os Evangelhos por si mesmos, e ao deixar, enquanto isso foi possível, que o Livro proclamasse as suas verdades em Latim - “a voz que prega no deserto”. Nisso, a igreja apenas seguiu a sabedoria das idades - a sabedoria dos antigos arianos, que também é “justificada pelos seus filhos”; porque, assim como o devoto moderno do hinduísmo não entende uma palavra de sânscrito, nem o parsi uma sílaba do Zend [1], assim também para o católico comum não há diferença alguma entre um texto em Latim e os símbolos hieroglíficos do Egito antigo. O resultado é que todos os três - o Alto Sacerdote Hindu, o Mobed zoroastrista e o Pontífice Católico Romano, obtêm oportunidades ilimitadas para produzir novas doutrinas religiosas a partir das suas próprias fantasias, para benefício das suas respectivas igrejas.

Para dar as boas-vindas a este grande dia, os sinos são tocados em sinal de felicidade à meia-noite por toda Inglaterra [2] e pelo continente. Na França e na Itália, depois da celebração da missa em igrejas magnificamente decoradas, “é costume que os participantes tenham acesso a uma recepção (*reveillon*), para que possam enfrentar melhor o cansaço da noite”, afirma um livro sobre os cerimoniais da igreja papal. Esta noite de jejum cristão nos lembra do *Sivaratree* dos seguidores do deus Shiva - o grande dia de tristeza e jejum, no décimo-primeiro mês do ano hindu. A diferença é que entre os seguidores de Shiva a longa vigília noturna é precedida e seguida de um jejum estrito e rígido. Não há *reveillons* ou soluções de meio-termo entre eles. É verdade que eles não passam de “pagãos” iníquos, e portanto o seu caminho até a salvação deve ser dez vezes mais difícil.

Embora seja agora universalmente celebrado pelas nações cristãs como o aniversário de nascimento de Jesus, o dia 25 de dezembro não era aceito como tal, inicialmente. O Natal, a mais móvel das datas de celebrações cristãs, era frequentemente confundido com a Epifania [3] e celebrado nos meses de abril e maio. Como nunca houve qualquer registro ou prova autêntica de sua identificação, seja em história secular ou eclesiástica, a seleção daquele dia permaneceu sendo opcional por longo tempo, e foi só no século IV que, estimulado por Cyril de Jerusalém, o papa (Julio I) ordenou aos bispos que fizessem uma investigação e chegassem finalmente a algum acordo quanto à data *presumível* do nascimento de Cristo. A

escolha deles recaiu sobre 25 de dezembro -, e desde então tem sido comprovado que a escolha foi muito infeliz! Foi Dupuis, seguido por Volney, que desferiu os primeiros tiros contra esta data. Eles comprovaram, com dados astronômicos muito claros, que durante períodos incalculáveis antes da era cristã quase todos os povos antigos tinham celebrado o nascimento dos seus Deuses do Sol exatamente nesta data.

“Dupuis mostra que o signo celeste da VIRGEM E A CRIANÇA já existia vários milhares de anos antes de Cristo” - escreve Higgins em sua obra *Anacalypsis*. Já que Dupuis, Volney e Higgins foram considerados pela posteridade como infiéis e inimigos da Cristandade, parece ser correto citar, nesta questão, as confissões do bispo cristão de Ratisbone, “o homem mais sábio que a idade média produziu”, o dominicano Albertus Magnus. “O signo da Virgem celestial se eleva acima do horizonte no momento *que nós fixamos como o do nascimento do Senhor Jesus Cristo*”, diz ele, em “Recherches historiques sur Falaise, par Langevin prêtre”. Assim, Adônis, Baco, Osíris, Apolo, etc., todos nasceram em 25 de dezembro. O Natal ocorre exatamente no momento do solstício de inverno [4] ; os dias são então mais curtos, e a Escuridão está mais presente que nunca na face da terra. Todos os deuses solares nascem anualmente naquela época; porque a partir daquele momento a sua Luz afasta cada vez mais a escuridão, a cada novo dia, e o poder do *Sol* começa a aumentar.

Seja como for, as festividades de Natal que foram celebradas pelos cristãos durante quase 15 séculos tiveram um caráter particularmente pagão. E isso não é tudo: mesmo as atuais cerimônias da igreja dificilmente podem escapar da crítica de que foram copiadas quase literalmente dos mistérios do Egito e da Grécia, celebrados em homenagem a Osíris e Horus, Apolo e Baco. Tanto Ísis como Ceres eram chamadas de “Virgens Sagradas”, e um BEBÊ DIVINO pode ser encontrado em cada religião “pagã”. Vamos agora traçar dois retratos do Feliz Natal. Um descreve os “bons e velhos tempos”. O outro descreve o estado atual da adoração cristã.

Desde os primeiros dias do seu estabelecimento como Natal, o dia foi visto ao mesmo tempo como uma comemoração sagrada e uma festividade da maior alegria: ela era dedicada igualmente à devoção e à diversão desregrada. “Entre as festanças da temporada de Natal estavam as chamadas festas de tolos e asnos, as saturnálias grotescas que eram chamadas de ‘liberdades de dezembro’, nas quais tudo o que fosse sério era parodiado, a ordem da sociedade era revertida, e o seu sentido de decência ridicularizado” - diz um compilador de crônicas antigas. “Durante a idade média, isso era celebrado através do espetáculo alegre e fantástico dos mistérios dramáticos, realizado por personagens em máscaras grotescas e roupas extravagantes. O show normalmente representava uma criança em um berço, rodeada pela Virgem Maria e por São José, por cabeças de touros, querubins, por Magos do Oriente (os *Mobed* de antigamente), e múltiplos ornamentos.” O costume de entoar cânticos durante o Natal, chamados de Hinos de Natal, visava lembrar as canções dos pastores na Natividade. “Os bispos e o clero frequentemente se juntavam à população em tais cânticos, e as canções eram acompanhadas por danças e pela música de tambores, guitarras, violinos e órgãos...” Podemos acrescentar que até os tempos atuais, durante os dias que antecedem o Natal, tais mistérios estão sendo encenados, com bonecos e marionetes, no sul da Rússia, na Polônia e na Galícia; e são conhecidos como *Kalidowki*. Na Itália, menestréis da Calábria descem das suas montanhas até Nápoles e Roma, e lotam as capelas da Virgem-Mãe, homenageando-a com sua música animada.

Na Inglaterra, os festejos costumavam começar na véspera de Natal e iam frequentemente até a Candelária (2 de fevereiro) [5] , sendo que todos os dias eram dias santos até a décima-

segunda noite (6 de janeiro). Nas casas de grandes nobres era nomeado um “senhor do desregramento” ou “abade da não-razão”, cujo dever era cumprir o papel de palhaço. “A despensa ficava cheia de frangos, galinhas, perus, gansos, patos, carne bovina, carne de carneiro, carne de porco, tortas, pudins, nozes, ameixas, açúcar e mel.” (. . .) “Um fogo brilhante, feito de pedaços grandes de lenha, o principal dos quais era chamado de ‘lenha de Natal’ e era capaz de queimar até a véspera da Candelária, era mantido em ambiente seguro; e a abundância era compartilhada pelos arrendatários do senhor, em meio a música, encantamentos, quebra-cabeças, *hotcockels* [6], brincadeira do tolo, flores cabeça-de-dragão, piadas, risos, desafios com perguntas e respostas, prendas penhoradas nos jogos, e danças.”

Em nossos tempos modernos, os bispos e o clero já não se somam à população que canta e dança, e as “festas de tolos e asnos” são ensaiadas mais na sagrada privacidade do que diante de perigosos observadores de olhos atentos. No entanto as festas de comida e bebida são preservadas em todo o mundo cristão; e sem dúvida ocorrem mais mortes súbitas provocadas por gula e intemperança durante os feriados de Natal e a Páscoa do que em qualquer outra época do ano. A cada ano que passa, a adoração cristã se limita, cada vez mais, a uma falsa ostentação. A ausência de *coração* em tais fingimentos tem sido denunciada inúmeras vezes, mas pensamos que isso nunca foi feito com um toque de realismo mais emocionante do que em uma encantadora história-de-sonhos publicada no “New York Herald” perto do último Natal [7]: Um homem idoso, que presidia uma reunião pública, disse que aproveitaria a oportunidade para relatar uma visão que ele havia tido na noite anterior. “Ele pensou que estava de pé no púlpito da mais bela e magnífica catedral que ele jamais havia visto. Diante dele estava o sacerdote ou pastor da igreja, e a seu lado estava um anjo com uma tabuleta e um lápis na mão, cuja missão era registrar cada ação devocional ou oração que ocorresse em sua presença e se elevasse como uma oferenda aceitável até o trono de Deus. Cada banco da igreja estava cheio de devotos de ambos os sexos. A mais sublime música que ele jamais ouvira encheu o ar com sua melodia. Todos os belos serviços ritualísticos da igreja, inclusive um sermão insuperavelmente eloquente de um hábil sacerdote tinham já ocorrido, e no entanto o anjo registrador não fez anotação alguma em sua tabuleta! Ao final, a congregação foi dispensada pelo pastor com uma longa oração de belas frases, seguida por uma bênção, e no entanto o anjo não fez um só gesto!”

“Observado ainda pelo anjo, o orador saiu pela porta da igreja que ficava atrás da congregação ricamente vestida. Uma pobre mulher esfarrapada permanecia na sarjeta da calçada, estendendo sua mão pálida e desnutrida e silenciosamente pedindo esmolas. Enquanto passavam por ali os devotos ricamente vestidos, eles se desviavam da pobre Madalena. As damas mantinham à distância as suas sedas, os seus mantos enfeitados de jóias, para que não pudessem ser contaminados pelo toque da mão dela.”

“Neste momento um marinheiro bêbado aproximou-se oscilando pelo outro lado da calçada. Quando ele chegou à altura da pobre menina abandonada, ele cambaleou atravessando a rua até onde ela estava e, tirando do bolso algumas moedas de pequeno valor, colocou-as na mão dela, enquanto dizia:

‘Aqui, pobre miserável abandonada, pegue isto!’

Uma radiância celeste agora iluminou a face do anjo registrador, que imediatamente anotou o ato de simpatia e compaixão do marinheiro em sua tabuleta, e afastou-se considerando-o um sincero sacrifício a Deus.”

Alguém dirá que esta é uma materialização da história bíblica do julgamento de uma mulher culpada de adultério. Pode ser que sim; no entanto, a história descreve magistralmente a situação atual da nossa sociedade cristã.

De acordo com a tradição, na véspera do Natal, os bois podem ser sempre encontrados repousando sobre seus joelhos, como se estivessem em oração e devoção, e “havia um famoso espinheiro no pátio do mosteiro de Glastonbury, que sempre dava botões de flor no dia 24 e florescia no dia 25 de dezembro; fato que, considerando que o dia fora escolhido ao azar pelos Padres da igreja, e que o calendário foi alterado do sistema antigo para o novo, mostra uma perspicácia notável, tanto por parte dos bois como por parte do vegetal! Há também uma crença tradicional, preservada até nós por Olaus, o arcebispo de Upsala, de que, no festival do Natal, “os homens que vivem nas regiões frias do Norte são súbita e estranhamente metamorfoseados em lobos; e que uma gigantesca multidão deles se encontra em um lugar escolhido e expressa tamanha raiva da humanidade que esta sofre mais com os seus ataques do que jamais poderia sofrer com ataques dos lobos naturais.”

Metaforicamente falando, este parece ser o caso com os homens, e mais do que nunca agora, e especialmente nas nações cristãs. Não há necessidade de esperar pela véspera de Natal para ver nações inteiras transformadas em “feras selvagens” - especialmente em tempos de guerra.

(*Theosophist*, Dezembro 1879)

NOTAS:

[1] Parsis são os seguidores do zoroastrismo na Índia. “Zend” é a versão da “Avesta” - a principal escritura sagrada dos parsis - no idioma persa clássico, o “pálavi”, falado nos séculos três a nove da era cristã. A escritura persa é chamada hoje de “Zend-Avesta”. (Nota do Tradutor)

[2] A Índia era colônia inglesa na época. (N. do Trad.)

[3] A epifania ou Dia de Reis é comemorada hoje em seis de janeiro. (N. do Trad.)

[4] Inverno - no hemisfério norte. (N. do Trad.)

[5] Candelária; festa da Purificação da Virgem. No Brasil, também é o dia de Iemanjá, a deusa das águas. (N. do Trad.)

[6] *Hotcockels* - jogo infantil tradicional em que uma criança, com os olhos cobertos, deve adivinhar quem bateu nela. (N. do Trad.)

[7] Último Natal - isto é, na época do Natal de 1878. (N. do Trad.)

00000

O texto acima foi traduzido de “Theosophical Articles”, H. P. Blavatsky, volume III, Theosophy Company, 500 pp., Los Angeles, 1981, pp. 58-62. Título original: “Christmas Then and Christmas Now”.

A Vontade de Ser Feliz

Antes de Desejar, Deve-se Fazer por Merecer

Regina Maria Pimentel de Caux

A vontade de ser feliz é própria de todo ser vivo. No seu mais elevado desdobramento, o conceito maduro de felicidade é expresso de forma independente das circunstâncias externas, sejam elas quais forem. A sabedoria nos diz que até os acontecimentos desfavoráveis ou desagradáveis têm um lado útil. Eles ensinam alguma coisa e, assim nos levam para mais perto da felicidade.

Cícero diz que “a felicidade só pode vir do que é moralmente correto”. [1]

É fato que muitas vezes a felicidade é buscada fora, com exigências materiais, pedidos e orações, e literalmente deixada nas mãos de outras pessoas. Projeta-se preenchimentos substitutivos que supostamente virão de fora. Um verdadeiro labirinto é criado, e a vida torna-se extremamente confusa e complicada. Cícero mostra isso muito bem no texto “Bondade Moral e Felicidade”.

Nos momentos difíceis, começam as “condições” para o reinado da felicidade: “se eu tivesse isso ou aquilo”, “se meus pais estivessem aqui”, “se eu ganhar isso”, “se eu passar no concurso”, “se meus alunos fossem assim”, “se meu filho fosse bom”. Assim as pessoas são totalmente levadas pela emoção, pelos desejos, pela indiferença à ética e à fraternidade. Aprisionam-se nas tramas da mesmice. Com a mente poluída, vão trilhando um caminho de irresponsabilidades, ocasionando transtornos para a família humana.

Mas à medida que aprendemos a abrir mão de falsos desejos, temos pensamentos corretos e ações corretas e deixamos de provocar infortúnios. A felicidade verdadeira existe somente quando aliamos pensamentos elevados e espírito, e executamos ações corretas e altruístas. Num certo sentido, nos tornamos mais ativos, mais independentes, mais solidários. Com o espírito vivo, deixamos a pequena vida egoísta e imediatista e processamos as mudanças necessárias.

Descendo profundamente na natureza interior, o equilíbrio é estabelecido e tesouros valiosos são encontrados. Se temos a nossa luz, se a carregamos, não precisamos ter medo das trevas. Não devemos nos deixar levar pela fraqueza da luz que quer refletir, mas apelamos à luz que está dentro, e seguimos a luz.

À medida que aprofundamos no caminho teosófico, compreendemos que o único caminho para a felicidade e o progresso passa pela iluminação espiritual da humanidade. É um trabalho simplesmente maravilhoso, e temos que propagar isso nos espaços sociais. Atuando nesse processo, vamos dando oportunidade para que outros também venham a conhecer, superar as dificuldades, as ilusões e também podem continuar o trabalho de alguma forma. Há uma frase de H. P. B. que é muito pertinente nessa época em que presenciamos inúmeras manifestações de *coitadismo*, de conformismo, egoísmo, e *culpismo*:

“Antes de desejar, faça por merecer.”

O livro “O Poder da Sabedoria” afirma que “a felicidade condicional é resultado do atendimento de um ou mais desejos, enquanto a felicidade incondicional é resultado do poder interior da vontade espiritual, que não pretende controlar detalhes e circunstâncias externas para proveito próprio.” [2]

E, ainda:

“Cada um de nós deve saber usar os ingredientes corretos, no momento certo, da vasta sabedoria acumulada pela civilização humana. E assim nos aproximamos dos arquétipos da perfeição humana, que são os grandes instrutores. Eles nos inspiram o tempo todo em nosso progresso coletivo”. [3]

A dimensão interior da sabedoria é imutável e revisando nossa forma de lidar com os dias, podemos chegar a novas formas de vivê-los, percebendo o novo caminho que se abre a cada avanço de consciência. A felicidade só pode vir daqueles que cumprem seu dever, têm conhecimento e são constantes. Que possamos prosseguir no caminho com inteireza, plenos de vida e em paz. Na medida da nossa confiança na vida, em nós mesmos, e uns nos outros, conseguiremos remover parcelas mais significativas da montanha de não-saber que impede uma libertação mais rápida.

NOTAS:

[1] “Bondade Moral e Felicidade”, Marco Túlio Cícero, em www.FilosofiaEsoterica.com .

[2] “O Poder da Sabedoria”, Carlos Cardoso Aveline, Editora Teosófica, p. 162.

[3] Idem, p. 165.

000

A educadora mineira Regina Maria Pimentel de Caux é licenciada em Pedagogia, com Pós-graduação em Processo de Ensino-Aprendizagem e Psicopedagogia.

0000

Voto dos Membros do Ashram de Gandhi O Compromisso dos Moradores do Ashram Satyagraha

“Com toda humildade me esforçarei para ser amigo, verdadeiro, honesto e puro, para nada possuir de que não tenha necessidade, para merecer o salário do meu trabalho e ser eternamente vigilante naquilo que bebo e como, e para ser intrépido sempre, procurar ver sempre o bem no meu próximo, seguir fielmente o svadeshi [prática de serviço altruísta] e ser um irmão para todos os meus irmãos.”

[Do livro *Cartas ao Ashram*, de Mohandas Gandhi, Ed. Hemus, SP, p. 23. Reproduzido de www.FilosofiaEsoterica.com .]

Um Fragmento de “Luz no Caminho”:

Acordando a Suprema Essência

Nota Editorial

“**O Teosofista**” começou a tradução seriada da obra “**Luz no Caminho**” em sua edição de agosto de 2011.

O trecho a seguir está nas pp. 54 a 56 da edição original de “Light on the Path”, M. C., Theosophy Co., Los Angeles. Trata-se de parte do Comentário sobre o segundo Aforismo da obra.

Acrescentamos notas explicativas sobre afirmações do texto que merecem exame especialmente atento.

(C. C. A.)

Um Trecho de “Luz no Caminho”:

Para obter o puro silêncio necessário ao discípulo, é preciso deixar de lado o coração, as emoções, o cérebro e as suas racionalizações. Estes são meros mecanismos, e perecem ao final de cada vida humana. É a essência que está mais além, que determina a força motivadora e dá vida ao homem, que deve erguer-se e agir. Esta é a hora de maior perigo. No primeiro teste o homem pode ficar enlouquecido pelo medo. Bulwer Lytton escreveu sobre esta primeira provação. Nenhum romancista chegou até o segundo teste, embora alguns dos poetas tenham chegado. A sua sutileza e o seu grande perigo estão no fato de que a medida da força de um homem determina a sua chance de passar adiante, ou de seguir pelo menos resistindo à caminhada de algum modo. Se ele tiver força suficiente para acordar aquela parte de si mesmo com a qual está pouco familiarizado, a suprema essência, então ele poderá erguer os portões de ouro, e neste caso ele passa a ser um verdadeiro alquimista, que possui o elixir da vida.

É neste ponto da experiência que o ocultista fica separado de todos os outros homens e ingressa em uma vida que é sua própria. Ele ingressa no caminho da realização individual [1], ao invés da mera obediência aos espíritos que governam essa nossa terra. Este erguer-se por si mesmo através de uma força individual na verdade o identifica com as forças mais nobres da vida, e faz com que ele esteja em unidade com elas. Por que elas estão além dos poderes desta terra e das leis do universo. [2] Aqui está a única esperança de êxito no grande esforço; saltar de imediato desde o seu atual ponto de vista para o seu próximo ponto de vista, e tornar-se de imediato uma parte intrínseca do poder divino - assim como ele já vinha sendo uma parte intrínseca do poder intelectual - da grande Natureza à qual ele pertence. Ele permanece sempre à frente de si mesmo, se uma tal contradição pode ser compreendida. Os irmãos mais velhos, os pioneiros, são os homens que aderem a esta posição, que acreditam no seu poder intrínseco de progredir e no poder de progredir que pertence à raça humana inteira. Cada indivíduo deve dar o grande salto por si mesmo e sem ajuda [3]; no entanto, já é um ponto de

apoio saber que outros percorreram antes este caminho. É possível que eles tenham se perdido no abismo; isso não importa, porque, pelo menos, tiveram a coragem de entrar no caminho.

[4] Eu digo que é possível que eles tenham se perdido no abismo [5] porque ninguém que tenha passado adiante é reconhecível, até chegar à situação nova e inteiramente diferente. É desnecessário discutir neste momento qual é a nova situação. Digo apenas que, no estado inicial de silêncio em que entra o homem, ele perde o conhecimento dos seus amigos, dos que o amam, e de todos os que são mais próximos a ele; e também perde a visão dos seus professores, e daqueles que trilharam o caminho antes dele. [6] Explico isso porque dificilmente alguém passa adiante sem amargas reclamações. Se a mente pudesse compreender antecipadamente que o silêncio deve ser completo, esta reclamação não surgiria criando um obstáculo no caminho. [7]

NOTAS:

[1] A auto-realização ocorre através do auto-esquecimento, e da total dedicação ao ideal altruísta de trabalhar pela libertação de todos os seres. (C. C. A.)

[2] Neste ponto a autora do livro comete um erro elementar, que pode explicar em parte seu afastamento do movimento teosófico poucos anos depois da publicação desta obra. A verdade é que as forças espirituais superiores não estão nem gostariam de estar acima das leis do universo. Não há nada, nem ser algum, acima destas leis. As forças espirituais apenas identificam-se com a lei universal, e operam a serviço dela. No entanto, algumas seitas pseudo-espirituais - como as dos ningmas e dos dugpas - propõem um caminho Fora-da-Lei e conseguem influenciar os mais ingênuos. Os mestres de sabedoria definem a si mesmos como servidores da Lei da justiça e do equilíbrio. É pela Lei que todos os seres existem e evoluem. Os mais avançados simplesmente aprendem a agir em harmonia com a Lei e isso faz deles Mestres. Para saber mais sobre a perda de rumo em que caiu Mabel Collins (1851-1927), o leitor pode examinar o capítulo 11 da parte 6 do livro “HPB”, de Sylvia Cranston (Ed. Teosófica), especialmente pp. 409 a 411. Veja também o artigo “Mabel Collins (1851-1927)”, de Alexander Markin, na revista “Insight”, (“the journal of the Theosophical Society in England”), edição de September/October 2001, pp. 24-25. A novela “The Blossom and the Fruit”, de Mabel Collins, é a história de um fracasso espiritual. O mesmo ocorre com seu livro “O Idílio do Lótus Branco”. Este último, no entanto, possui valor oculto. A linguagem do fracasso não é adequada para o século 21. O necessário rigor deve ser compensado com a presença da Confiança. A certeza da vitória protege o peregrino. (C. C. A.)

[3] Sem ajuda visível; a ajuda dos Irmãos Mais Velhos ocorre sem que possa ser percebida, e pedir por ela é apenas prejudicial. Ela ocorrerá natural e inevitavelmente na medida do merecimento do aprendiz. (C. C. A.)

[4] Dizer que “não importa” perder o foco ou dar um passo em falso é outro erro crasso. O aprendiz deve avançar com prudência, evitando isso que M. Collins chama de “abismo”. Todo passo em falso deve ser evitado, na medida do possível. O aprendiz deve avançar com segurança, sem pressa, de modo vitorioso. Deve saber esperar, mantendo a intenção correta, até que o caminho à sua frente esteja claro. (C. C. A.)

[5] Imagens simbólicas assustadoras como “abismo” não ajudam a ninguém. A confiança é possível e é indispensável, ao lado da cautela. (C. C. A.)

a ser respeitado. Constitui caminho decisivo para que a criança pense por si e comece a construir uma filosofia e uma visão própria de mundo.

Ao perguntarem, as crianças são instintivamente socráticas. Em filosofia e teosofia, as perguntas são com frequência mais importantes que as respostas. As respostas expressam o conhecimento disponível naquela instante: o ato de perguntar-se deve ser constante como atividade de longo prazo. Graças às perguntas infantis, os adultos têm a chance de pesquisar e aprender sobre a vida através do olhar puro de uma alma imortal que observa o mundo pela primeira vez nesta encarnação, e quer saber de que modo a vida funciona.

Carma e Reencarnação

Fatos básicos como a lei do carma e a lei da reencarnação podem, e devem, ser compartilhados com as crianças. Isso deve ser feito sem forçar e obedecendo ao grau de curiosidade e afinidade real mostrado por elas. Os pequenos devem ter a chance de ser crianças. Os adultos devem preservar dentro de si mesmos a sua porção infantil, enquanto também expandem a sua auto-responsabilidade de adultos, e são, de certo modo, anciãos.

Crianças não devem praticar meditação imóvel durante mais do que dois minutos. A meditação deve estar vinculada ao exercício afirmativo da vontade, de modo que não haja passividade. A passividade, em meditação, assim como “ver coisas” de olhos fechados, produz efeitos nocivos para todas as idades, e especialmente na infância.

Durante os primeiros anos da vida, todos recordam inconscientemente etapas anteriores da sua alma imortal. Este processo de “recordação implícita de vidas prévias” vai em geral até a faixa de sete a nove anos. Nesta primeira etapa da vida, a alma está no “ciclo da materialização crescente”, que é correto e deve ser preservado.

Embora os conceitos teosóficos possam ser compartilhados nas conversas e no convívio do dia-a-dia, o meio mais importante de ensinar teosofia aos filhos, sobrinhos, netos e alunos é o exemplo pessoal de uma vida correta e ética, voltada para o que é universal, assim como o exemplo do convívio com livros teosóficos e ideias e ideais nobres.

Não faltam, na vida familiar, oportunidades para defender a justiça impessoal e exemplificar uma vida sábia.

Quando o teosofista contraria membros da sua família por dedicar-se a um ideal elevado - fato bastante freqüente -, ele está dando um exemplo que mais tarde poderá ser compreendido, e uma lição a ser valorizada talvez só décadas depois, mas que nem por isso é menos válida.

Cabe estimular nas crianças a coragem de defender o que é correto e combater as inúmeras formas de desprezo pela vida. Deve-se desestimular a “esperteza” oportunista. Isso tudo será possível se os próprios pais, avós, tios, professores, tiverem mergulhado de fato na vivência do ensinamento teosófico original. Versões simples das leis de carma e reencarnação podem ser partilhadas desde cedo, respeitando-se a capacidade real de assimilação da criança, que é mais vivencial do que teórica.

A Sabedoria em Patópolis

Vejam algumas ideias úteis a desenvolver em conversas com os pequenos:

- 1) A fraternidade universal é uma lei. O fratricídio pode existir mas não é necessário. Os irmãos desse planeta já podem deixar de matar uns aos outros através de guerras, injustiça social, ou destruição da natureza.
 - 2) Os dias de 24 horas são como pequenas reencarnações. O sono é o descanso, e o despertar de cada manhã é o início de uma nova vida. Estamos todos jovens ao despertar, e velhos e cansados antes de dormir.
 - 3) A lei do Carma e da Justiça, e a relação de causa e efeito, dirigem e regulam todos os aspectos do universo. Esta lei fundamental pode ser observada seja qual for a idade do cidadão. A ideia de colocar a mão numa panela com água fervendo é um exemplo facilmente compreensível de “carma de maturação imediata”.
- O plantio de uma árvore ilustra o carma de maturação mais lenta. A ação tola é de curto prazo. A ação sábia visa o longo prazo. Mas também há ações sábias de curto prazo.
- 4) A jornada do herói é a aventura da alma imortal através da reencarnação. As crianças sabem disso subconscientemente, ao identificar-se com os heróis e super-heróis. Alguns super-heróis são popularizações do conceito de Adeptos e Iniciados. Também são personificações da alma imortal.

Os personagens do mundo criado por Walt Disney refletem diversos estados de consciência e aspectos da alma humana. Mickey, o extraordinário rato da cidade de Patópolis, personifica a ética e o equilíbrio. Pateta expressa a bondade natural e a confiança na vida daquele que não se preocupa em ser mais “esperto” que os outros. O Super Pateta, por sua vez, simboliza o eu superior e o potencial ilimitado de uma pessoa de boa vontade. O tradicional furo na sola do seu sapato mostra desapego por bens materiais ou aparência externa, e o seu compromisso com uma vida simples. Por outro lado, a visão estreita dos que sofrem da doença da cobiça é exemplificada pelos irmãos Metralha.



Reflexões filosóficas, psicológicas, éticas e teosóficas podem ser feitas com certa facilidade a partir das histórias de Mickey. A convivência do casal Mickey-Minnie é fonte de lições. Pateta e Mickey sacrificam-se sem pensar duas vezes pelo bem comum, e é a intenção que faz a diferença. Já o universo espiritual do pato Donald, de Peninha e Tio Patinhas reflete almas

ainda relativamente imersas nas preocupações materiais da vida, que podem idolatrar o dinheiro ou a indolência, mas em última instância já são guiadas por um sentido básico de justiça.

A Base Emocional

A imaginação saudável é importante, e a ação correta é essencial. Na infância, a prática moderada de artes marciais orientais ajuda na construção do autocontrole e do auto-silenciamento, especialmente quando o professor tem uma percepção clara da filosofia presente neste tipo de esporte. No entanto, o contato com a arte de lutar fisicamente deve ser moderado, para não eclipsar outros aspectos da vida.

Uma base ética adequada permitirá que ocorra naturalmente, em algum momento da vida adulta, um acesso integrado ao esquema conceitual da teosofia. Porém, quando o conhecimento intelectual da filosofia esotérica é associado à busca de vantagens pessoais, temos a receita para o desastre. Na ausência de uma vontade nobre, é melhor não aprofundar o estudo teosófico. Vale sempre a pena dar ênfase à ligação entre o ideal abstrato e o esforço prático, sem exigir perfeição, mas exaltando o esforço feito na direção correta. As vivências contemplativas e superiores dependem de um “fio terra”: elas devem encontrar expressão na vida concreta.



A vida psicologicamente adulta começa em geral entre 14 e 16 anos de idade. É a partir de então que se pode trabalhar com mais força no plano intelectual. Vale, no entanto, o princípio segundo o qual cada alma tem um tempo e um ritmo próprios para despertar, e eles devem ser respeitados. Em todas as etapas da vida, a meta de uma educação teosófica é ensinar a pensar por si mesmo, ouvir o seu próprio coração, perceber o conjunto da vida, e ser auto-responsável.

Novos Textos em FilosofiaEsoterica.com

A seguir, o relatório de www.FilosofiaEsoterica.com e websites associados, válido para 10 de Dezembro.

O total de textos em espanhol é de **30**. Entre eles, há dois livros. Em inglês, são **397** textos. Em língua portuguesa há **697** itens. Em italiano, três textos. Em francês, um livro. Total nos cinco idiomas, **1128** itens.

Nos últimos 30 dias, quatro textos foram retirados do site por vários motivos. Os textos incluídos nos websites associados entre 12 de novembro e 10 de dezembro de 2012 são os seguintes:

(Artigos mais recentes acima)

1. Journal - Maine de Biran (livro)
2. Filosofía de la Felicidad - Paul Janet (livro)
3. Helena P. Blavatsky and Her Teachings - N. C. Ramanujachary
4. Vera Felicità e Altruismo - Helena P. Blavatsky
5. A Arte de Aprender Dormindo - Carlos Cardoso Aveline
6. Era Cristã Nasceu no Século VI - Carlos Cardoso Aveline
7. The Challenge of the Skandhas - Jerome Wheeler
8. Como a Teosofia Vê o Nazismo - Carlos Cardoso Aveline
9. Os Quatro Tipos de Vibração - Carlos Cardoso Aveline
10. The Aquarian Theosophist, November 2012
11. Confiança nos Mestres - John Garrigues
12. On Christendom and Islam - A Turkish Effendi
13. O Muro Que Protege a Humanidade - Carlos Cardoso Aveline
14. Concerning Ammonius Saccas - José Ramón Sordo
15. Cartas Confidenciais de Blavatsky - Carlos Cardoso Aveline
16. From the Philippines, to Radha Burnier - Emmanuel Ikan Astillero
17. I Chela - Helena P. Blavatsky
18. Boletim O TEOSOFISTA, Novembro 2012
19. What I See in Lincoln's Eyes - Barack Obama

O Presente de Natal Invisível

Para Ser Uma Lâmpada Que Lança Luz ao Seu Redor



Assim como a água, a sabedoria eterna é insípida, inodora, e incolor, mas é real. Neste mês de dezembro, ingresse no e-grupo **SerAtento** e convide os seus amigos para fazer o mesmo. Como se consegue? É simples.

